

Campus Porto Velho Zona Norte
Coordenação do Curso Licenciatura em Pedagogia EAD

DAMARIS FERREIRA PEREIRA
GILCIANE DE SOUZA SILVA

**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

PORTO VELHO
2025

DAMARIS FERREIRA PEREIRA
GILCIANE DE SOUZA SILVA

**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus Porto Velho Zona Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, no Curso Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

PORTO VELHO
2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Pereira, Damaris Ferreira.

Educação musical inclusiva: desafios e possibilidades na educação infantil / Damaris Ferreira Pereira, Gilciane de Souza Silva. - Porto Velho, 2025.
40 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia EAD) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2025.

1. Música. 2. Autismo. 3. Inclusão. 4. Educação infantil. I. Silva, Gilciane de Souza. II. Pereira, Rosa Martins Costa (orient.). III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. IV. Título.


Bibliotecário(a) Responsável: Marlene Fouz da Silva, CRB-11/946

DAMARIS FERREIRA PEREIRA
GILCIANE DE SOUZA SILVA


**EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus Porto Velho Zona Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, no Curso Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Rosa Martins Costa Pereira.


Aprovado em 25/11/2025 pela banca examinadora.

Documento assinado digitalmente
 **EDUARDO PEREIRA GOMES**
Data: 29/12/2025 17:33:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
 **MARILANDIA MARTINS DE ALMEIDA MACHADO**
Data: 29/12/2025 18:28:45-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Membro da Banca

Documento assinado digitalmente
 **ROSA MARTINS COSTA PEREIRA**
Data: 18/12/2025 18:39:17-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientadora

EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, bem como, por padrões restritos e repetitivos de comportamento, o que pode comprometer o desenvolvimento integral da criança. No contexto escolar, a inclusão de alunos com TEA exige práticas pedagógicas diversificadas, sensíveis às necessidades individuais e pautadas no respeito à singularidade. Entre os recursos disponíveis, a música tem se destacado como estratégia potente para favorecer a aprendizagem e a interação social. Este Trabalho de Conclusão de Curso, nessa perspectiva, se objetiva a analisar as contribuições da música no processo de aprendizagem e inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. A escolha do tema surgiu no contexto de atuação das autoras em um projeto do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), quando foi possível vivenciar jogos musicais na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola municipal com estudantes com TEA, obtendo bons resultados com essa prática. Dessa forma, construiu-se o problema: A música pode contribuir no processo de aprendizagem e inclusão de estudantes com TEA? A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em obras, artigos científicos e documentos oficiais publicados entre 2010 e 2025. A partir da análise de dez produções selecionadas, constatou-se que a música exerce papel relevante no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e comunicativo das crianças, além de promover ambientes mais acolhedores e inclusivos. Entretanto, há um longo caminho a se percorrer na compreensão da utilização da música no contexto escolar. A pesquisa sistematizou aspectos conceituais sobre a educação musical especial, inclusiva, musicoterapia e a utilização da música em sala de aula pelo professor que, necessariamente, não tem formação na área de música. Conclui-se que a utilização da música, quando planejada de forma intencional e acessível, constitui estratégia pedagógica eficaz para favorecer a aprendizagem e a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Autismo; Inclusão; Educação Infantil.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by deficits in communication and social interaction, as well as restricted and repetitive patterns of behavior, which can compromise the child's overall development. In the school context, the inclusion of students with ASD requires diversified pedagogical teaching practices that are sensitive to individual needs and based on respect for uniqueness. Among the available resources, music has stood out as a powerful strategy for promoting learning and social interaction. This Final Course Project, from this perspective, aims to analyze the contributions of music to the learning and inclusion process of children with autism spectrum disorder in the Elementary School. The choice of this theme arose in the context of the authors' work on a project for the Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), when it was possible to have experience with musical games in the Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) of a local public school with

students with ASD, obtaining good results with this practice. Thus, the research question was formulated: Can music contribute to the learning and inclusion process of students with ASD? The research is characterized as qualitative, bibliographic in nature, based on works, scientific articles, and official documents published between 2010 and 2025. Based on the analysis of ten selected productions, it was found that music plays an important role in children's cognitive, motor, emotional, and communicative development, in addition to promoting supportive and inclusive school environments. Nonetheless, there is still a long research path to comprehending how to use music in the school context. The research systematized conceptual aspects of special, inclusive music education, music therapy, and the use of music in the classroom by teachers who do not necessarily have training in music. It can be concluded that the use of music, when planned intentionally and accessibly, is an effective pedagogical strategy for promoting learning and inclusion of children with ASD in the Elementary School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ENTENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA.....	10
3	A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	12
4	DA MÚSICA À EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPREENDENDO CONCEITOS	13
4.1	COMPREENDENDO O TERMO: EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA	15
4.2	EDUCAÇÃO MUSICAL FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL	19
5	A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
6	METODOLOGIA.....	21
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
8	DICAS DE UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	33
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A música, desde os primórdios da humanidade, acompanha o ser humano como forma de expressão, comunicação e construção de vínculos sociais. No contexto educacional, ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento global das crianças, por estimular a sensibilidade, a criatividade, a coordenação motora e as habilidades cognitivas. Quando integrada às práticas pedagógicas, a educação musical contribui para a formação integral do sujeito, favorecendo a socialização, o autoconhecimento e o aprendizado significativo.

No campo da Educação Inclusiva, a música tem se destacado como uma ferramenta capaz de romper barreiras e promover a participação ativa de todos os alunos, inclusive daqueles que apresentam algum tipo de deficiência ou transtorno do desenvolvimento. Entre esses, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem recebendo atenção especial por parte de pesquisadores e educadores, dada a complexidade de suas manifestações e a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas que favoreçam a comunicação e a interação social.

Além disso, a legislação educacional brasileira reforça o direito à educação para todas as crianças: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996) e suas alterações, bem como documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), orientam a promoção de práticas que valorizem a diversidade e a expressão. Considerando esse panorama, o presente trabalho busca analisar as contribuições da educação musical para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil.

Considerando esse cenário, observa-se que a educação musical pode representar um importante caminho para a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, uma vez que favorece o desenvolvimento da linguagem, da atenção, da afetividade e da socialização. Louro (2021) enfatiza que, a experiência musical, quando conduzida com intencionalidade e sensibilidade, é capaz de ampliar a comunicação e as conexões emocionais, tornando-se um elo entre o educador e o aluno.

Ao contextualizar a escolha do tema, esse surgiu no contexto de atuação das autoras em um projeto do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), quando foi possível vivenciar jogos musicais na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola municipal com estudantes com TEA, obtendo

bons resultados com essa prática. Dessa forma, delineou-se como problema desta pesquisa a seguinte questão: A música pode contribuir no processo de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão de estudantes com TEA?

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar as contribuições da educação musical para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. Quanto aos objetivos específicos, têm-se: compreender as características do TEA e suas implicações no processo de aprendizagem; Investigar o papel da música como instrumento pedagógico e terapêutico no desenvolvimento infantil; Identificar práticas e estratégias musicais que favoreçam a inclusão de crianças com TEA em contextos escolares; Refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores na implementação da educação musical inclusiva.

Ao considerar esse panorama, torna-se essencial compreender como a música, além de expressão artística, pode atuar como instrumento pedagógico e terapêutico no contexto da Educação Infantil. A partir dessa perspectiva, este estudo propõe refletir sobre os desafios e as possibilidades da educação musical no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A educação musical proporciona inúmeras oportunidades para crianças autistas, funcionando como um meio de comunicação, de interação social e de desenvolvimento da linguagem. Apesar disso, desafios como a sensibilidade auditiva e a necessidade de estruturas de aprendizagem adaptadas exigem estratégias pedagógicas específicas. As dificuldades enfrentadas na Educação Infantil envolvem, sobretudo, a complexidade da comunicação e da interação social das crianças com TEA, além da importância de ambientes organizados e previsíveis. Para vencer esses obstáculos, é fundamental que os professores ajustem suas práticas, utilizem recursos visuais, respeitem o ritmo individual de cada aluno e fortaleçam a parceria com as famílias (FARIA; BORBA, 2024).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014), o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, incluindo dificuldades na reciprocidade socioemocional, na compreensão de relações interpessoais e na manutenção de vínculos. A Associação Psiquiátrica Americana (APA) também aponta características como atraso na fala, padrões de brincadeira diferenciados e

dificuldades de comportamento, o que torna o trabalho pedagógico um desafio que requer sensibilidade, formação e planejamento contínuo.

No contexto das crianças com TEA, a musicalização e a musicoterapia figuram entre as práticas baseadas em evidências reconhecidas por sua eficácia em promover avanços significativos na comunicação, na interação social e nas habilidades cognitivas (Liberalesso; Lacerda, 2020). A música favorece não apenas a expressão de emoções, mas também o desenvolvimento de funções cognitivas, como atenção, memória, controle de impulsos e coordenação motora (Duque et al., 2022).

A justificativa reside no reconhecimento da música como um canal eficaz de comunicação não verbal e como facilitador do desenvolvimento da linguagem verbal. Entre os principais benefícios, destacam-se: a melhora da entonação e da expressividade vocal, o enriquecimento do vocabulário e o estímulo à comunicação não verbal por meio do uso de instrumentos musicais e movimentos rítmicos, que permitem expressar emoções e intenções sem a necessidade de fala (Menezes, 2019).

As vivências em sala de aula durante os projetos realizados no curso de Licenciatura em Pedagogia e como já sinalizado anteriormente, especialmente, nas participações no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no Programa Bolsa de Ensino – Iniciação à Docência/PROBEN/ID (Proben), despertaram o interesse pelo tema, ao evidenciar o poder transformador da música nas práticas educativas. Assim, esta pesquisa discute a importância da música no contexto escolar como elemento impulsionador dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, bem como, destaca os desafios e possibilidades do seu uso na Educação Infantil, incorporando-a como elemento de inclusão e desenvolvimento integral de crianças com TEA.

A pesquisa, por sua vez, caracterizou-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em obras, documentos oficiais, livros físicos, arquivos digitais, artigos científicos, monografias e dissertações publicados entre 2010 e 2025, tendo como base o Google Acadêmico. A partir da análise de dez produções selecionadas com descritores: Aprendizagem; Autismo; Educação infantil; Educação musical; Música; Educação musical inclusiva, constatou-se que a música exerce papel relevante no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e comunicativo das crianças, além de promover ambientes mais acolhedores e inclusivos. Entretanto, há um longo caminho a ser percorrido quando se trata da compreensão e da utilização da música

em contexto escolar. É importante destacar que a pesquisa sistematizou aspectos conceituais sobre a educação musical especial, inclusiva, musicoterapia e o uso da música em sala de aula pelo professor que, necessariamente, não possui formação na área musical.

Os resultados indicam que a utilização da música em sala de aula, quando planejada de maneira intencional e acessível, constitui estratégia pedagógica eficaz para favorecer a aprendizagem e a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil.

Quanto a organização deste artigo, ele está dividido em Introdução, Desenvolvimento, Metodologia, Resultados e Discussões, Considerações Finais, Agradecimento e Referências, construído com vistas a proporcionar uma compreensão da temática de forma clara e reflexiva, nos capítulos que seguem.

2 ENTENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

O termo “autismo” foi utilizado, pela primeira vez, em 1908, pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler para descrever pacientes com sintomas que ele julgava semelhantes àqueles observados na esquizofrenia (Liberalesso, 2020, p. 15). Nessa época o autismo era compreendido como parte do quadro esquizofrênico e não como condição distinta, refletindo assim o conhecimento limitado da época sobre transtorno do desenvolvimento.

Liberalesso e Lacerda ressaltam (2020) que somente na década de 1940 o autismo começou a ser entendido como um transtorno diferenciado, com Leo Kanner descrevendo em 1943 o “autismo infantil precoce”, sendo publicado em 1943 o clássico artigo “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, descrevendo 11 crianças que apresentavam uma “tendência ao isolamento e um intenso desejo pela mesmice”. Nesse estudo, Leo Kanner observou características peculiares em crianças, como isolamento social extremo e comportamentos repetitivos, sendo de grande importância para o diagnóstico de crianças da época.

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou a primeira edição do “Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais” (DSM-I), classificando o autismo como um subgrupo da esquizofrenia infantil (Liberalesso e Lacerda, 2020, p. 19). O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), editado e

publicado periodicamente pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), constitui uma referência fundamental para a classificação e diagnóstico dos transtornos neuropsiquiátricos, utilizado amplamente por profissionais de saúde mental, especialmente nos Estados Unidos e em diversos países; o DSM oferece critérios padronizados e atualizados para orientar a identificação clínica dessas condições.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), abrange condições anteriormente conhecidas como “Autismo Infantil Precoce”, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno de Asperger.

De acordo com DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) depende de déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, combinados com padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas devem estar presentes desde a infância e causar prejuízos significativos no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas do indivíduo, classificando com isso, o nível de suporte (de baixo a muito alto), além de considerar as comorbidades, como a deficiência intelectual, por exemplo. Destaca-se que no TEA não há biomarcadores específicos, sendo o diagnóstico realizado mediante uma avaliação detalhada, frequentemente com uso de instrumentos padronizados.

Devido à natureza clínica dos critérios de diagnóstico, esse processo tende a enfrentar atrasos e pode ocorrer erros, o que favoreceria possíveis confusões na investigação. No entanto, já há pesquisas sobre o uso de outros métodos, como o rastreamento do olhar ou o uso de eletroencefalograma, para antecipar o diagnóstico antes do surgimento dos sintomas, permitindo assim, a introdução de terapias precocemente.

O diagnóstico precoce do TEA traz grandes benefícios para os portadores, pois permite intervenções que visam reduzir os déficits de desenvolvimento, melhorar as habilidades sociais, comunicativas e diminuir comportamentos estereotipados. No entanto, há um aspecto importante a considerar: a dificuldade em mensurar o desenvolvimento de crianças muito pequenas, já que a avaliação real do desenvolvimento só se torna possível quando a criança começa a interagir socialmente (Antunes, 2023).

O autismo se manifesta em cada pessoa de maneira diferente, uns apresentam mais facilidade de aprendizagem que outras. Por isso, é importante a interação entre família e escola para compreender as habilidades e as dificuldades de cada criança. Assim, a escola buscará conhecimento e ferramentas para melhor intervir e contribuir com a aprendizagem dessa criança (Heckler; Baumer, 2021).

Assim, a interação entre família e escola torna-se fundamental para o desenvolvimento integral da criança com autismo. Quando há diálogo e cooperação entre esses dois contextos, torna-se possível compreender com mais profundidade as potencialidades, dificuldades e formas de aprendizagem de cada aluno. Essa parceria contribui para que o ambiente escolar se torne mais acolhedor e adaptado, permitindo que as intervenções pedagógicas sejam direcionadas às reais necessidades da criança. Assim, o trabalho em conjunto fortalece o processo educativo e favorece uma inclusão mais efetiva e significativa.

3 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A Educação Infantil é a primeira fase da educação básica. É a modalidade voltada para crianças de 0 a 5 anos, promovendo o desenvolvimento integral da pessoa em suas dimensões física, psicológica, intelectual e social, por meio de atividades recreativas, brincadeiras e interações. Ela é ofertada em creches para crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas para crianças de 4 a 5 anos, sendo a matrícula na pré-escola ocorrendo a partir dos 4 anos como requisito obrigatório (Menarim, 2022).

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.396, de 1996, estabeleceu a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica. Com a Lei nº 12.796/2013, que modificou a lei de 1996, a educação infantil tornou-se obrigatória e gratuita para crianças de até cinco anos. Os Artigos 29, 30 e 31 da mencionada LDBEN estabelecem que a Educação Infantil visa promover o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, abrangendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Essa educação complementa o papel da família, da comunidade e deve ser oferecida em creches ou instituições equivalentes para crianças de até três anos, e em pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos (Brasil, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, estabelece que a Educação Infantil faz parte da Educação Básica, abrangendo a faixa etária dos 0 aos 6 anos. No entanto, a Lei foi alterada em 2006 e passou a incluir crianças de 0 a 5 anos.

A faixa etária também apresenta subdivisões em relação aos objetivos de aprendizagem estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Abaixo, demonstra-se as etapas na educação infantil,

0 a 1 ano e 6 meses: possui o objetivo de perceber que as ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos; perceber as possibilidades e limites do corpo e comunicar necessidades, desejos e emoções; 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses: possui o objetivo de demonstrar atividades de cuidado e solidariedade nas relações com crianças e adultos; compartilhar objetos e espaços; comunicar, compreender e se fazer compreender; 4 anos a 5 anos e 11 meses: possui o objetivo de demonstrar empatia pelos outros; ampliar as relações interpessoais e comunicar ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos (Brasil, 1996).

A Educação Infantil é vista como uma das fases mais cruciais no desenvolvimento das crianças. Ela serve como alicerce para as etapas subsequentes da educação formal, e o aproveitamento adequado dessa fase possibilita que as crianças desenvolvam maior autonomia, alcancem mais êxito em sua vida escolar e pessoal (Brasil, 1996).

Seu principal objetivo é incentivar o desenvolvimento dos aspectos físicos, motores, cognitivos, sociais e emocionais das crianças pequenas, além de estimulá-las a exploração, as descobertas e a experimentação. Nesta etapa, as crianças começam a interagir com pessoas fora de seu círculo familiar e comunitário, especialmente por meio de jogos e atividades lúdicas. Isso envolve lidar com a diversidade, com o desenvolvimento da personalidade, da autonomia, na formação de laços de amizade e em descobertas nas várias áreas do conhecimento.

4 DA MÚSICA À EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMPREENDENDO CONCEITOS

Os conceitos de música, musicalização e educação musical apresentam distinções significativas conforme diferentes autores, evidenciando a diversidade

teórica presente na área. Embora possa ser tratada de forma transversal em certos contextos, a análise de obras especializadas revela que tais conceitos possuem especificidades próprias. Contudo, a partir da presente pesquisa realizada, é possível identificar definições que estabelecem relações entre eles, demonstrando como cada conceito contribui para uma compreensão integrada do conhecimento musical e de seu ensino.

Segundo Louro (2021), a música pode ser entendida como um conjunto de informações acústicas estruturadas ao longo do tempo, que o cérebro humano apreende e organiza em níveis elevados de significação a partir de elementos como intensidade, altura, contorno, duração, andamento, timbre, localização espacial e reverberação. Isso se dá porque a música favorece a união, a cooperação e a comunicação entre indivíduos. A música ajuda no desenvolvimento humano por estimular a imaginação, em especial a da criança, tornando-as criativas e proporcionando um aprendizado leve e prazeroso. A música é um recurso indispensável para a intervenção (Liberalesso e Lacerda, 2020).

O termo musicalização pode ser entendido como um processo ou ato por meio do qual a pessoa torna-se mais sensível à música como um todo, ou aos seus elementos constituintes (Souza, 2021, p. 14). Com base no exposto, reforça-se o quão importante a música é para o desenvolvimento de crianças com TEA e como pode ajudar em sua comunicação ou expressão, tendo em vista que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um complexo que engloba uma grande variedade de comprometimentos e condições que têm em comum dificuldade de comunicação e interação social associada a padrões restritos de interesses e comportamentos (Oliveira et al, 2022).

Para compreendermos o conceito de Educação Musical buscamos a convergência entre a visão de Viviane Louro, Teresa Mateiro e Beatriz Ilari. As autoras entendem a Educação Musical como um processo formativo integral, que vai além da simples transmissão de conteúdos técnicos, valoriza-se a vivência, a experiência estética e o desenvolvimento das capacidades expressivas dos indivíduos.

É nesta concepção que utilizamos o conceito de educação musical, não como uma área de atuação profissional, mas como um processo formativo de vivências que busca o desenvolvimento da expressividade das pessoas. Portanto, utilizamos neste estudo o sentido *lato* de “educação” e “musical”, não apenas pela ausência de um

termo mais apropriado, mas pela dificuldade em encontrar entre pesquisadores pedagogos, uma produção científica sobre o tema que seja majoritariamente feita por pesquisadores da área de música.

Na perspectiva de Louro (2021) a Educação Musical envolve o desenvolvimento das habilidades sensoriais, cognitivas e afetivas, proporcionando ao educando uma relação ativa e significativa com a música”. De forma semelhante Teresa Mateiro e Beatriz Ilari ressaltam que “a Educação Musical se constitui como um processo educativo que articula o que ensina (conteúdos musicais) e como ensinar (metodologias), com o objetivo de promover o desenvolvimento integral do aluno, envolvendo corpo, mente e emoção” (Mateiro e Ilari, 2012, p.14).

Essa compreensão da educação musical está intimamente ligada à prática pedagógica, na qual o educador assume papel central não apenas como transmissor de técnicas, mas como mediador crítico e reflexivo da aprendizagem musical. A pedagogia musical, assim configura como caminho pelo qual se organiza, adapta e recria o ensino da música a partir das necessidades, contextos e características dos alunos, respeitando a diversidade e valorizando a criatividade.

A “pedagogia musical exige que o professor articule teorias, princípios e métodos, dialogando constantemente com sua prática para oferecer uma educação musical contextualizada, participativa e transformadora” (Mateiro e Ilari, 2012, p. 16). Com isso, percebe-se que educar musicalmente é investir em processos pedagógicos que promovam a formação global do ser humano, integrando saberes musicais com desenvolvimento pessoal e social.

4.1 COMPREENDENDO O TERMO: EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA

Louro (2021) evidencia o aumento significativo de pesquisas voltadas à relação entre música e autismo, especialmente no campo pedagógico. Nota-se que os estudos priorizam experiências práticas e estudos de caso, o que reforça a importância de compreender a aplicabilidade real da música como instrumento de inclusão. Além disso, o autor destaca que o foco das investigações está em compreender de que maneira as aulas de música favorecem a inclusão e o desenvolvimento de crianças autistas, indicando que a musicalização é uma ferramenta pedagógica relevante e promissora para a educação inclusiva.

A música, quando inserida no processo educativo, torna-se um poderoso meio de comunicação e desenvolvimento humano, especialmente para pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como já dito. Sua força está em ultrapassar as barreiras da linguagem verbal, permitindo que o indivíduo se expresse por meio de sons, gestos e emoções. Nesse contexto, Louro (2021) destaca que a musicoterapia e a educação musical podem se complementar, sendo importante compreender que a primeira busca é para fins terapêuticos, enquanto a segunda busca visa fins educacionais e formativos; porém, ambas contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento global e a inclusão da pessoa com TEA.

Nessa perspectiva, Gainza (1998 apud Louro, 2021, p. 51) conceitua musicoterapia como:

aplicação científica das possibilidades da música para contribuir ou favorecer os processos de recuperação psicofísica das pessoas. Por outro lado, coloca a educação musical como modo de sensibilizar e desenvolver integralmente o educando e capacitá-lo para tornar possível seu sucesso ao conhecimento e prazer musical.

Estudos indicam que o uso terapêutico da música remonta à Antiguidade. Com o passar do tempo, a musicoterapia se consolidou como uma área estruturada e reconhecida, ganhando destaque no Brasil a partir da década de 1970. Pesquisas com técnicas de ressonância magnética funcional apontam que a música provoca respostas cerebrais singulares em pessoas com autismo, reforçando seu potencial como intervenção terapêutica. Para tanto, é fundamental que as atividades musicais sejam planejadas em consonância com os interesses e as particularidades de cada criança, sob a orientação de profissionais capacitados.

A educação musical vai além do simples ato de tocar ou cantar; representa um processo de descoberta, sensibilidade e expressão pessoal. Oliveira et al. (2022, p. 3) ressalta que aprender música não ocorre apenas em salas de aula ou por métodos formais, mas também nas experiências cotidianas, nas brincadeiras, nas canções populares e nas vivências sonoras do ambiente social da criança.

Essa aprendizagem espontânea permite que o aluno desenvolva a escuta, criatividade e a percepção rítmica de forma natural, valorizando o saber que surge das interações e das práticas culturais do dia a dia. Nesse contexto, é importante destacar a diferença entre educação musical e musicoterapia: enquanto a musicoterapia está

vinculada ao campo da medicina, sendo utilizada como recurso terapêutico para promover bem-estar e reabilitação, a educação musical abrange diferentes práticas de ensinar e aprender música, envolvendo desde a aprendizagem de um instrumento até a musicalização infantil. Apesar de distintas, ambas reconhecem na música um meio essencial de desenvolvimento e expressão humana.

Na Educação Infantil, a música se torna um território onde todas as vozes cabem, mesmo aquelas que não se expressam por palavras. A inclusão acontece quando o som deixa de ser ensinado apenas por notas e passa a ser descoberto nas pequenas invenções das crianças — no bater de mãos, no sopro tímido, no silêncio curioso. A aprendizagem musical informal é um convite para que cada criança revele seu próprio jeito de fazer música, sem padrões ou comparações. O ensino inclusivo, nesse contexto, não consiste em ajustar o aluno à melodia, mas em ouvir o que ele traz e transformar isso em parte de uma canção coletiva. Assim, a música se torna um abraço sonoro, em que a diferença não divide, mas cria harmonia.

“O educador musical deve sempre se lembrar de que o objetivo primário da Educação Musical Especial é estimular e desenvolver habilidades musicais acessíveis ao aluno que possui limitações motoras e/ou cognitivas” (Santana, 2019, p. 23). Essa visão é ainda mais significativa na Educação Infantil, pois é nesse início da vida escolar que a criança descobre o som como forma de existir e de se comunicar com o mundo. Quando o educador compreende que cada batida, gesto ou olhar pode ser música, ele abre espaço para que todas as crianças participem da melodia do aprender, inclusive aquelas com limitações motoras ou cognitivas.

A música, nesse cenário, deixa de ser uma atividade complementar e passa a ser uma verdadeira linguagem de inclusão, em que corpo, voz e silêncio se unem na construção do pertencimento. Segundo Louro (2021, p. 54),

dentro da educação básica, a inclusão vem sendo cada vez mais debatida, e os professores de música têm se deparado diariamente com uma ampla diversidade de alunos com deficiências e transtornos, sendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) um dos mais comuns nas salas de aula.

Compartilha-se com essa, a ideia da autora, pelo fato de que a inclusão na educação básica tem se tornado uma realidade cada vez mais presente e necessária, especialmente no campo da educação musical. Os professores, ao se depararem com

turmas heterogêneas, que incluem alunos com diferentes deficiências e transtornos, precisam adotar práticas pedagógicas flexíveis e sensíveis à diversidade. Entre essas realidades, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se destaca pela frequência com que aparece nas salas de aula, exigindo dos educadores um olhar atento, estratégias diferenciadas e o uso da música como uma ferramenta potente para estimular a comunicação, a expressão e o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

Oliveira et al. (2022) distinguem duas modalidades da Educação Musical direcionada a pessoas com deficiência: a Educação Musical Especial e a Educação Musical Inclusiva. A primeira caracteriza-se pelo desenvolvimento de atividades musicais exclusivamente voltadas aos alunos com deficiência, podendo ocorrer de forma individual ou coletiva, com estratégias pedagógicas planejadas especificamente para atender às suas necessidades e potencialidades.

A segunda modalidade promove um ambiente de aprendizagem compartilhado entre alunos com deficiência e aqueles com desenvolvimento típico, favorecendo a interação social, o respeito à diversidade e a cooperação mútua. Sob essa perspectiva, a Educação Musical Inclusiva evidencia-se como um instrumento de democratização do aprendizado, no qual a música funciona como meio de expressão, interação e construção coletiva do conhecimento, reconhecendo e valorizando as singularidades de cada participante.

O educador é, então, um tradutor de sensibilidades, capaz de transformar o simples toque em descoberta e o som mais tímido em expressão legítima. Na infância, a educação musical especial não ensina apenas sobre notas e ritmos, mas também sobre humanidade, sobre enxergar no outro a beleza do som que ele é capaz de criar, mesmo quando o mundo insiste em não ouvir.

É fundamental destacar que, na prática, o envolvimento da família é indispensável. A participação dos pais contribui significativamente para o sucesso da alfabetização e do processo de ensino-aprendizagem, sendo igualmente essencial no acompanhamento de crianças autistas (Antunes, 2023).

Concorda-se plenamente com a afirmação de Antunes (2023), pois a presença ativa da família no processo educacional é um fator determinante para o desenvolvimento integral da criança. Quando os pais se envolvem nas atividades escolares, acompanham o desempenho e mantêm uma parceria constante com os educadores, criam-se condições favoráveis para o aprendizado significativo. Como já

comentado, no caso das crianças autistas, esse apoio é ainda mais relevante, uma vez que a colaboração entre escola e família possibilita compreender melhor suas necessidades específicas e promover estratégias que estimulem o progresso acadêmico, social e emocional de forma integrada.

4.2 EDUCAÇÃO MUSICAL FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

A educação musical acontece em diferentes contextos, que podem ser classificados como formais, não formais e informais. De acordo com Wille (2005), a educação formal corresponde ao ensino estruturado, organizado e intencional, como aquele que ocorre na escola, com objetivos pedagógicos definidos e conteúdos sistematizados. Já a educação não formal envolve aprendizagens intencionais, porém menos estruturadas, como práticas musicais em bandas, igrejas, projetos sociais ou atividades comunitárias. Por fim, a educação informal refere-se às experiências cotidianas que ocorrem de maneira espontânea, sem planejamento, como ouvir música em casa, acompanhar familiares ou aprender observando outras pessoas.

Inserir esses três níveis de aprendizagem musical é fundamental para compreender como os estudantes constroem seus saberes. No contexto escolar inclusivo, especialmente com alunos com TEA, reconhecer essas modalidades permite ao professor integrar as vivências musicais que a criança já possui fora da escola, fortalecendo sua participação e ampliando as possibilidades pedagógicas.

5 A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“A música está ligada fortemente a circuitos neurais fronto-temporo-parietais dois hemisférios do hemisfério direito, embora envolva extensas áreas dos dois compartilhadas com outros domínios como linguagem e cognição espacial” (Louro, p. 36, 2021).

Como corrobora o autor, a música ativa amplas regiões cerebrais relacionadas à linguagem, cognição e percepção, o que a torna um recurso valioso no contexto escolar, especialmente com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em sala de aula, as atividades musicais favorecem a atenção, a socialização e a expressão emocional, promovendo um ambiente mais inclusivo e sensível às

diferentes formas de aprendizagem. Dessa forma, o uso da música na prática pedagógica contribui não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o fortalecimento das relações e da comunicação entre alunos e professores.

Essa intervenção quanto mais cedo melhor para o desenvolvimento da criança. Como fomenta Duque et al (2022, p. 7) “[...] música facilitadora no processo de desenvolvimento da criança autista, pois, por meio dela, novas rupturas podem vir a surgir, principalmente quando se menciona a questão do isolamento”. Entretanto, a intervenção com a música auxilia em seu processo de aprendizagem, motor, controlar suas emoções, entre outras habilidades.

Sabe-se da importância que a música tem ao ser aplicada na educação inclusiva, por trabalhar não só a parte exterior, mas a interior da criança, trazendo vários benefícios, tais como, acalmar, estimular a fala, alegrar, socializar, entre outros.

O desenvolvimento é um processo difícil que toda criança passa durante seu crescimento. “Cada criança terá resultados diferentes e igualmente significativos que são observados em estágios considerando inevitavelmente os marcos do desenvolvimento que deverá gradativamente ser ascendente” (Bello et al, 2022, p. 9).

Há crianças que se desenvolvem mais rápidas que outras, é essencial que isso seja observado nos seus primeiros anos de vida, intervindo da melhor maneira, a fim de beneficiar seu processo de desenvolvimento.

Como se sabe, os marcos do desenvolvimento infantil indicam as habilidades que cada criança pode alcançar durante seu crescimento. “Cada idade condizente com seu domínio, poderá ser de extremo valor para alertar educadores, pais e outros profissionais na identificação do desenvolvimento típico e atípico (Bello et al, 2022, p.10)”. As etapas cruciais no desenvolvimento infantil são: domínio socioemocional, domínio motor, domínio cognitivo e domínio linguístico.

Domínio motor: é a capacidade de movimentar-se e controlar seu corpo, como caminhar, andar, agachar, saltar, entre outros. São compreendidas também como motricidade grossa e fina (Bello et al, 2022).

Domínio cognitivo: é a capacidade que as crianças têm em memorizar e manipular seus interesses (Bello et al, 2022). O domínio cognitivo está diretamente relacionado ao desenvolvimento do raciocínio, da atenção, da memória e da capacidade de resolver problemas. À medida que as crianças exploram o mundo ao

seu redor, elas constroem conhecimentos, estabelecem relações entre ideias e desenvolvem estratégias para compreender novas informações.

Esse processo é fundamental para o aprendizado escolar, porque permite que o aluno organize pensamentos, que interprete as situações e aplique o que aprende em diferentes contextos. Estimular o domínio cognitivo por meio de atividades lúdicas, musicais e interativas contribui para o fortalecimento das funções mentais, para a construção de uma aprendizagem significativa e duradoura.

Domínio linguístico: é a capacidade de se comunicar, ver, entender e interagir com o meio social. Nesse domínio, a criança começa a ter percepção e reconhecer brinquedos, objetos, espaço, sons, entre outros (Bello et al, 2022).

Para acompanhar o desenvolvimento de uma criança se requer estratégias a fim de obter resultados positivos. “São salutareis considerando que conhecer, observar e identificar o desenvolvimento das crianças possibilitará, sem dúvida, em capitalizar a plasticidade e a capacidade de novas aprendizagens durante os primeiros anos”. (Bello, 2022, p. 16).

A música, por suas características sensoriais, emocionais e estruturais, oferece um meio de comunicação não verbal, que pode ser particularmente benéfico para crianças que enfrentam desafios na interação social e comunicação verbal. Assim, analisá-la como intervenções específicas para crianças com TEA não só contribui para o conhecimento científico, mas também, auxilia na prática educacional inclusiva (Soares; Bisol, 2021).

Nota-se que a interação da criança com a música contribui para aliviar várias dificuldades associadas ao transtorno, como problemas de relacionamento, fixações e isolamento. Assim, quando a música é utilizada como uma ferramenta de aprendizagem, a criança tem a oportunidade de interagir e se comunicar, o que exerce um impacto significativo em seu desenvolvimento escolar. É essencial encontrar maneiras de contribuir para a prevenção da exclusão social, considerando todas as necessidades especiais mencionadas anteriormente.

6 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado com base em pesquisa bibliográfica com objetivo de analisar as contribuições da educação musical para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil; Compreender

as características do TEA e suas implicações no processo de aprendizagem; Investigar o papel da música como instrumento pedagógico e terapêutico no desenvolvimento infantil; Identificar práticas e estratégias musicais que favoreçam a inclusão de crianças com TEA em contextos escolares; Refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores na implementação da educação musical inclusiva.

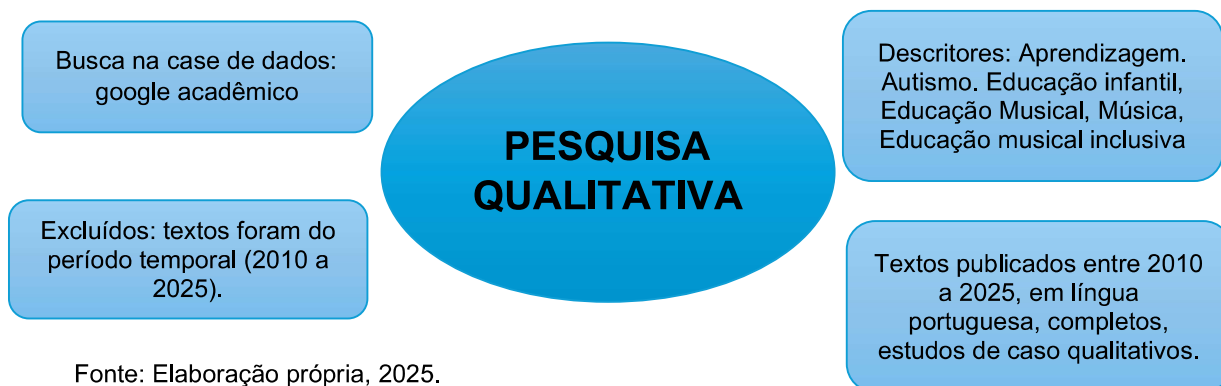
A metodologia empregada foi a de revisão de literatura por meio de seu caráter descritivo e exploratório. A adoção desse modelo qualitativo objetiva compreender as questões que envolvem o processo de entendimento da importância da música no processo de ensino-aprendizagem de crianças autista na educação infantil.

Foram elencadas e analisadas as publicações acerca do tema, a fim de compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores da educação infantil para empregar a musicalização como fator capaz de incluir, desenvolver e potencializar a aprendizagem de crianças autistas na educação infantil.

Nesta pesquisa, optou-se por selecionar exclusivamente trabalhos desenvolvidos no Brasil e em língua portuguesa, por tratar da educação infantil, autismo e música como fator de inclusão e de desenvolvimento do estudante. Para tal, foram utilizados como critérios de inclusão os trabalhos publicados no período de 2010 a 2025, sendo excluídos os materiais publicados fora do período considerado e aqueles que não corroboram com a temática proposta.

Abaixo, demonstra-se um organograma que permite compreender como se estruturou a metodologia da pesquisa.

Figura 1 – Procedimentos metodológicos da pesquisa



Para elaboração do presente estudo foi realizada consultas às indicações formuladas pelo Ministério da Educação, livros físicos, arquivos digitais, artigos

científicos, monografias e dissertações publicados entre 2010 e 2025 que teve a busca direcionada pelos descritores “Aprendizagem, Autismo, Educação infantil, Educação Musical, Música, Educação musical inclusiva” que apontaram ocorrências no Google Acadêmico.

Foram apreciados 25 estudos, dos quais foram excluídos: duplicatas, textos indisponíveis, artigos não relacionados ao tema, teses e dissertações, além de textos excluídos pelo título e leitura de resumo, dentre esses estudos, 10 foram selecionados de acordo com a relevância dos dados para o estudo proposto.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve como problemática saber: quais contribuições a educação musical pode oferecer para o processo de desenvolvimento, aprendizagem e inclusão de crianças com TEA? A análise de pesquisas publicadas na base Google Acadêmico, utilizando-se os descritores: “Aprendizagem, Autismo, Educação infantil, Educação musical, Música, Educação musical inclusiva”.

No quadro a seguir, apresenta-se uma síntese dos trabalhos estudados:

QUADRO 1 - Relação dos trabalhos estudados

Trabalho	Tipo	Autor	Base pesquisada	Ano	Link de acesso	Relação com a pesquisa
A EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	Artigo	Leticia Caroline Souza Renato Tocantins Sampaio	Google Acadêmico	2019	https://repositorio.ufmg.br/items/22872fe7-84db-4750-953e-f494e96c690d .	Revisão sistemática sobre o tema e indicação da necessidade de formação de professores
DETECÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	Dissertação de mestrado	Marcela Prince Antunes	Google acadêmico	2023	https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/55/55134/tde-22122023-103153/en.php	Evidencia a importância da detecção precoce do TEA, mostrando que intervenções realizadas desde os primeiros meses de vida ampliam as possibilidades de desenvolvimento da criança.
A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO	Artigo	DUQUE, R. de C. S; NASCIMENTO, J. A. do;	Google Acadêmico	2022	https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view	Os benefícios da música para as crianças com TEA, usadas como

ESPECTRO AUTISTA-TEA		SANTOS, D. A. dos; SANTANA, M. C. de; CABELEIRA, M. D. S; ANDRADE, S. F. de.; RAMOS, G. S.; PAULA, W. S. de; JÚLIO, N. O; SOUZA, L. B. P.			w/34181/28692.	práticas pedagógicas na educação.
A MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	Monografia	JÉSSICA SOHN RODRIGUES	Google Acadêmico	2022	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/239634.	Compreensão sobre como a área de educação apreende a importância da música na educação escolar das crianças com TEA na escola regular.
AUTISMO: SINAIS, NÍVEIS DE SUPORTE E DIAGNÓSTICO-UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS RECENTES	Artigo	Maria Elisa Vaz de Faria Marcia Guaraciara de Souza Borba	Google Acadêmico	2024	https://periodicorease.pro.br/r/orease/article/view/14706.	Destacam a importância do diagnóstico precoce do TEA para intervenções eficazes. Esse estudo sustenta a relevância de práticas musicais adaptadas que promovam o desenvolvimento e a inclusão de crianças autistas na Educação Infantil.

<p>A MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)</p>	<p>Monografia</p>	<p>ESIEL GOMES ARAÚJO</p>	<p>Google Acadêmico</p>	<p>2024</p>	<p>https://repositorio.uema.br/handle/123456789/3251</p>	<p>A presença da música na legislação voltada para a Educação Infantil e contribuições da música como instrumento metodológico de ensino e alfabetização de crianças com TEA.</p>
<p>MÚSICA PARA OLHAR DO LADO DE DENTRO": a Educação Musical e sua influência para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.</p>	<p>Monografia</p>	<p>SANTANA, Lenilce da Silva Reis.</p>	<p>Google Acadêmico</p>	<p>2019</p>	<p>https://pt.scribd.com/document/883939343/Monografia-Musica-para-olhar-do-lado-de-dentro.</p>	<p>Evidencia que atividades de musicalização podem estimular habilidades cognitivas, motoras e sociais em crianças com TEA, reforçando o papel da música como recurso pedagógico inclusivo na Educação Infantil.</p>
<p>OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO AMBIENTE ESCOLAR</p>	<p>Artigo</p>	<p>HECKLER, Ana Paula Guglielmi. Baumer Édina Regina.</p>	<p>Google Acadêmico</p>	<p>2021</p>	<p>Vista do OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO AMBIENTE ESCOLAR.</p>	<p>Os benefícios da música na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Básica</p>
<p>A MÚSICA E O AUTISMO: experiências de desenvolvimento e aprendizagem na Escola Municipal Cidade da Música no</p>	<p>Artigo</p>	<p>Adriana Alves Quintino Menezes</p>	<p>Google Acadêmico</p>	<p>2019</p>	<p>https://share.google/mlyA5QJEiILzeTlqZ.</p>	<p>Demonstra que práticas de musicalização podem favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de crianças com TEA,</p>

município de Uberlândia-MG						reforçando a música como ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Infantil.
EDUCAÇÃO MUSICAL E AUTISMO: UM ENFOQUE NOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES DE MÚSICA	Artigo	Raquel Pereira Soares; Cláudia Alquati Bisol	Google Acadêmico	2023	https://editorialize.com.br/editorial/anais/condedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID10194_TB307130092024200145.pdf	Evidencia que a educação musical, ao integrar aspectos cognitivos, afetivos e sociais, favorece o desenvolvimento global e a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, reforçando a importância de metodologias musicais sensíveis e adaptadas às particularidades dos alunos.

Fonte: As autoras, 2025.

Os estudos analisados nesta pesquisa evidenciam que a intervenção por meio da música tem se mostrado altamente eficaz no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Conforme destacam Duque et al. (2022, p.7), “a música proporciona não somente a expressão de emoções, mas contribui para o processo cognitivo da criança, como a atenção, a memória, o controle de impulso, o planejamento, a execução e controle de ações motoras, entre outros”.

No trabalho de conclusão de curso de Jéssica Sohn Rodrigues (2022), a pesquisa faz reflexões importantes em sua pesquisa, como quais são as contribuições da música no contexto escolar? O ensino de música está presente na educação básica? Como esse ensino é tratado nas Diretrizes Curriculares Nacionais? As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) usufruem da música na sua educação escolar?

Em sua pesquisa, a autora identificou que na BNCC, todas as vezes em que aparece a palavra “música” está relacionada aos demais campos artísticos como dança e o teatro. Rodrigues ainda destaca que “[...] os documentos que regem a educação básica no Brasil, tratam a música como uma forma de trabalhar a expressão artística e cultural. Porém, quando analisamos alguns documentos referente à educação especial essa realidade não é percebida” (2022, p.11). Assim, nos documentos norteadores como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e “A Educação Especial na

Perspectiva da Inclusão Escolar - Transtornos Globais Desenvolvimento” (Brasil, 2010) a música não é uma estratégia para os processos de aprendizagem.

Outro dado importante encontrado por Rodrigues (2022) é que “[...] ainda existem poucas produções sobre a música no desenvolvimento de crianças com TEA relacionados à educação básica” (p. 37) e “[...] que os intelectuais indicam que a música contribui de diversas maneiras para que as crianças, como ou sem TEA, tenham desenvolvimento afetivo, de comunicativo/expressão, cognitivo, raciocínio lógico e social”. (p. 42).

Nesse sentido, constatamos uma disparidade entre o que os estudiosos analisam como benéfico para o desenvolvimento infantil e o que constam em documentos oficiais, especialmente os voltados para a educação inclusiva.

Os resultados encontrados nesta pesquisa dialogam diretamente com a reflexão de Wille (2005), ao afirmar que “a escola seria apenas uma das práticas da educação, e o ensino e a aprendizagem musical não estariam restritos somente ao que ocorre dentro da sala de aula ou da instituição escolar”. Essa compreensão amplia o olhar sobre o papel da música no desenvolvimento de crianças com TEA, evidenciando que os avanços observados nos estudos analisados não se limitam às práticas realizadas em ambientes formais de ensino. Pelo contrário, muitas crianças demonstraram maior envolvimento e evolução quando puderam relacionar as atividades musicais escolares com experiências prévias vivenciadas em contextos familiares, comunitários ou espontâneos.

Dessa forma, fica evidente que a aprendizagem musical ocorre de modo contínuo e integrado, mobilizando saberes construídos em múltiplos espaços. Assim, a articulação entre práticas formais, não formais e informais torna-se um fator essencial para potencializar a participação, a expressão e o desenvolvimento global das crianças com TEA, fortalecendo processos inclusivos mais sensíveis às suas vivências reais.

Na monografia de Esiel Gomes Araújo (2024), o pesquisador indicou como os documentos oficiais gerais, como o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998) orientam a utilização da música na Educação Infantil, defendendo que neste documento a música é apresentada como importante “[...] para o desenvolvimento integral das crianças, em seus processos cognitivos, sensoriais e afetivos” e que este documento apresenta “orientações gerais para os docentes” como “organização do tempo e espaço, a utilização de jogos e brincadeiras” (2024, p. 23).

Para o pesquisador, tanto o RCNEI quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2010) reiteram a relevância da linguagem musical.

Entretanto, nos estudos de Araújo (2024), o autor conclui que a BNCC (2017) [...] não promove adequadamente o desenvolvimento das diferentes linguagens e do emocional das crianças”, critica a forma de utilização da música na educação infantil que, segundo ele, é apenas um “suporte para aquisição de conhecimento, sem planejamento e organização adequada” (p.26) e afirma que outro “desafio enfrentado no contexto da Educação Musical nas escolas, especificamente na Educação Infantil: aulas de música ministradas não por professores com licenciatura em música e sim por não especialistas na área, como pedagogos” (p. 26).

Compreende-se que, mais uma vez, recai sobre os pedagogos o peso da crítica pelo domínio generalista do mundo de especialidades. Evidentemente, um curso de licenciatura em Pedagogia não é um Curso de Licenciatura em Música, Geografia, Matemática ou qualquer outra área. Entretanto, já que nem mesmo os documentos oficiais, segundo os autores estudados, fornecem um direcionamento claro para a prática pedagógica na educação infantil, como os pedagogos podem atuar de forma competente universo que sim, é seu e para o qual é formado: o magistério na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Leticia Caroline Souza e Renato Tocantins Sampaio (2019) em seu artigo realizaram uma revisão sistemática de literatura sobre Educação Musical Inclusiva, em língua portuguesa, apresentando como as aulas de música inclusivas são realizadas em escolas especializadas de música e no ensino regular. Com base em seus estudos concluíram que “[...] atividades musicais em grupo podem favorecer socialmente a interação de crianças com TEA, principalmente pelo fato de o estudo evidenciar a baixa frequência de comportamentos não funcionais em relação aos funcionais, principalmente com seus pares” (2019, p. 118). Os autores observaram, no entanto, que há uma escassez no acervo científico sobre o assunto vinculado à Educação Musical, que predomina a produção qualitativa e que envolvem escolas de música especializadas.

Com relação ao TEA, Souza e Sampaio (2019) identificaram aspectos positivos, pelas pesquisas indicarem que “[...] as intervenções pedagógicas adequadas, aliadas ao aprendizado musical promovem melhor interação entre os componentes do grupo, suscitando o sentimento de que são capazes de aprimorar

suas habilidades musicais, e que, independentemente dos transtornos, podem ampliar seu potencial comunicativo com seus pares” (p. 25) e que a estruturação das aulas com rotina gera um ambiente favorável para indivíduos autistas.

A utilização da música, portanto, é essencial para que essas crianças possam expressar seus sentimentos, interagir com o meio, aprimorar suas habilidades cognitivas e sociais, favorecendo o processo de aprendizagem tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Para as crianças autistas, o contato com a música contribui para o rompimento do isolamento e do abandono social, além de fortalecer o desenvolvimento socioemocional (Duque et al., 2022, p.8). Dessa forma, a prática musical se apresenta como um recurso sensível, eficaz para compreender as vontades e dificuldades de cada criança, quebrando barreiras entre o indivíduo e o mundo ao seu redor.

Os elementos que compõem a música — como sons, ritmo, melodia e movimento — estimulam não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também tornam o ambiente escolar mais harmônico e acolhedor, promovendo uma aprendizagem mais significativa (Heckler; Baumer, 2021). No entanto, como outras formas de intervenção, a utilização da música requer preparo e observação atenta do educador, visto que cada criança apresenta ritmos e modos distintos de desenvolvimento.

A pesquisa desenvolvida por Antunes (2023) enfatiza a importância da detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio da análise de padrões cerebrais com técnicas de eletroencefalografia e aprendizado de máquina. Segundo a autora, “a identificação antecipada de sinais neurológicos característicos do TEA amplia as possibilidades de intervenção e favorece o desenvolvimento infantil” (p.67). Essa constatação evidencia que a compreensão das particularidades do TEA desde a primeira infância é fundamental para a elaboração de estratégias educativas mais eficazes.

Embora o estudo tenha um enfoque científico-tecnológico, seus resultados dialogam diretamente com o presente trabalho, ao destacar a relevância de ações pedagógicas adaptadas desde os primeiros anos de vida. Nesse sentido, a música se apresenta como uma ferramenta sensível e acessível para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças com TEA. Assim, este trabalho acadêmico propõe analisar como a educação musical pode contribuir para o desenvolvimento e inclusão de crianças autistas, apoiando-se na perspectiva de que

intervenções precoces e bem orientadas favorecem a aprendizagem e a interação social.

No artigo feito por Faria e Borba (2024) analisa os sinais, métodos diagnósticos e níveis de suporte do Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando que intervenções precoces aumentam a eficácia do acompanhamento das crianças. Por conseguinte dialogam diretamente com o presente trabalho, ao evidenciar que práticas pedagógicas adaptadas — especialmente a educação musical — podem contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças com TEA. Assim, a música se apresenta como um recurso capaz de promover inclusão efetiva na Educação Infantil, alinhando-se aos objetivos deste estudo de compreender o TEA, investigar o papel da música e refletir sobre estratégias pedagógicas inclusivas.

Em vista disso, os autores destacam que “o diagnóstico precoce, aliado a intervenções personalizadas, favorece o desenvolvimento funcional e social das crianças com TEA” (FARIA; BORBA, 2024, p. 6), reforçando a importância de práticas pedagógicas adaptadas desde os primeiros anos. Essa abordagem evidencia que a integração da música nas atividades escolares pode funcionar como uma ferramenta estratégica de estimulação e inclusão, promovendo maior participação, interação e aprendizado para crianças autistas na Educação Infantil.

Conforme relata Santana (2019), atividades de musicalização aplicadas a crianças com TEA resultaram em “melhorias na comunicação, linguagem falada, interação social, expressão, coordenação motora e psicomotricidade em geral” (p. 79). Esse resultado corrobora diretamente com os objetivos deste estudo, ao evidenciar que a música pode funcionar como ferramenta pedagógica e terapêutica para o desenvolvimento e inclusão de crianças autistas na Educação Infantil. Desse modo, a presente pesquisa buscou investigar como a educação musical favoreceria o desenvolvimento integral dessas crianças, bem como identificar práticas musicais inclusivas e refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores.

Ainda, Santana (2019) evidencia que a musicalização não apenas estimula habilidades cognitivas e motoras, mas também, fortalece vínculos afetivos e a socialização entre crianças com TEA. Essa constatação reforça a relevância de integrar a música de forma planejada nas atividades escolares, promovendo ambientes inclusivos e sensíveis às necessidades individuais. Assim, nessa

perspectiva, as estratégias musicais podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas e terapêuticas, favorecendo a inclusão, o desenvolvimento integral e a participação ativa de crianças autistas na Educação Infantil.

As contribuições apontadas por Santana (2019) são complementadas pelas reflexões de Menezes (2019), que amplia a compreensão sobre atividades musicais realizadas com crianças autistas promovendo estímulos sensoriais e cognitivos, fortalecendo a interação social, a comunicação e a expressão emocional. Essa perspectiva dialoga diretamente com o presente estudo, aqui apresentado.

O estudo da Escola Municipal Cidade da Música exemplifica como estratégias musicais adaptadas podem atender às necessidades individuais de cada aluno, alinhando-se aos objetivos deste trabalho de compreender o TEA, investigar o papel da música e refletir sobre práticas pedagógicas inclusivas. Com base nisso Santana (2019, p. 23) complementa ao falar que “a música tem um grande poder de interação e desde muito cedo adquire relevância na vida do ser humano despertando sensações diversas” tornando-se uma das formas de linguagem muito apreciada por facilitar a aprendizagem e instigar a memória.

Essa abordagem evidencia que a música não se limita a uma atividade artística, na verdade funciona como estratégia pedagógica inclusiva, capaz de atender às necessidades individuais das crianças com TEA. Ao integrar ritmos, canções e jogos musicais no cotidiano escolar, os educadores podem favorecer a atenção, a memória, a comunicação e as habilidades sociais dos alunos, promovendo inclusão e desenvolvimento integral. Assim, o presente trabalho de conclusão de curso se apoia nesses achados para analisar como a educação musical pode ser planejada de maneira adaptada e estratégica, fortalecendo práticas pedagógicas inclusivas e contribuindo para o aprendizado e bem-estar das crianças autistas na Educação Infantil.

Por fim, Soares e Bisol (2024) reforçam que a efetivação da educação musical inclusiva depende de metodologias flexíveis e da formação contínua dos professores. Os autores evidenciam que o educador musical atua como mediador do desenvolvimento integral dos alunos, criando experiências significativas que valorizam as diferenças e promovem a inclusão. Essa perspectiva consolida o argumento central do presente trabalho: a música é uma ferramenta pedagógica e terapêutica de grande relevância para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças com TEA, contribuindo para uma educação infantil verdadeiramente inclusiva.

Ao considerar a importância da música como ferramenta de inclusão, Soares e Bisol (2024) destacam sua relevância no desenvolvimento integral da criança. “A educação musical, em qualquer contexto educacional, perpassa a cognição, a psicomotricidade, a afetividade e a sociabilidade tornando-se aliada no processo de inclusão e expressão sociocultural de todo e qualquer indivíduo” (SOARES; BISOL, 2024, p. 9).

Tal constatação reforça o papel essencial da música na Educação Infantil, especialmente quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao integrar aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais, a educação musical contribui para a ampliação das experiências de aprendizagem e para a construção de um ambiente mais sensível e inclusivo. No contexto deste trabalho, essa ideia visa a análise de como práticas musicais planejadas podem promover o desenvolvimento integral e a inclusão efetiva de crianças com TEA, em consonância com os princípios da educação inclusiva contemporânea.

Dessa forma, a educação musical inclusiva na Educação Infantil representa uma abordagem humanizadora e inovadora, que reconhece o potencial da música como linguagem universal desde os primeiros anos de vida. Nessa perspectiva, a música deixa de ser apenas uma atividade recreativa e passa a atuar como instrumento de inclusão, estimulando o desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional das crianças. Ao adaptar práticas pedagógicas e recursos para atender às diversas necessidades dos alunos, o educador promove experiências musicais que valorizam a diversidade e fortalecem o sentimento de pertencimento.

Compreende-se que a música contribui para a formação de sujeitos mais sensíveis, criativos e empáticos, consolidando-se como um caminho essencial para a construção de uma escola verdadeiramente acolhedora e equitativa. Essa constatação aponta para a importância de repensar práticas pedagógicas, valorizar a formação docente e ampliar o uso da música como estratégia de inclusão e desenvolvimento integral, o que será retomado e aprofundado na Conclusão deste trabalho. Assim, reafirma-se que a música, quando inserida de forma planejada e sensível na rotina da Educação Infantil, contribui não apenas para a inclusão, mas também para o fortalecimento das relações humanas e do aprendizado significativo.

8 DICAS DE UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Louro (2021, p. 54) afirma que, dentro da educação básica, a inclusão tem sido amplamente debatida, e os professores de música se deparam diariamente com turmas cada vez mais diversas, nas quais o TEA é um dos diagnósticos mais recorrentes. Concorde-se com a autora ao reconhecer que a educação musical ocupa papel essencial nas práticas inclusivas, exigindo metodologias flexíveis e sensíveis às particularidades dos alunos. O professor de música, nesse contexto, torna-se mediador de experiências significativas que promovem o desenvolvimento global e a integração social de todos os estudantes.

Gomes (2025)¹ enfatiza que a música aliada ao ensino é entendida por muitos autores como importante ferramenta pedagógica. O uso da música aqui discutido não é com o objetivo de ensinar música, esse é o papel da educação musical, nem de atuar em saúde por meio dela, esse é o papel da musicoterapia. O ato do professor cantar, trabalhar a música ou tocar alguns instrumentos, deve ter como objetivo o desenvolvimento da criança, aliando a música aos elementos pertinentes do currículo da Educação infantil.

A música, por meio de seus diversos elementos como timbre, melodia, ritmo e volume, pode provocar reações adversas em quem a escuta. A depender de características individuais do ouvinte, esses parâmetros musicais podem levar a consequências negativas, que se manifestam em danos físicos, neurofisiológicos, psicológicos e psicofisiológicos (Gattino, 2024).

É importante ressaltar a importância do cuidado na seleção do repertório e do volume, para evitar sobrecarga sensorial que pode causar estresse ou agitação (Louro, 2021). A música pode favorecer o desenvolvimento emocional e cognitivo quando bem utilizada na Educação infantil. É fundamental que o professor planeje a utilização da música respeitando as características individuais das crianças, especialmente aquelas com Transtorno do Espectro Autista, valorizando a música

¹GOMES, Eduardo. Bate-Papo Afinado: pensando a música como ferramenta de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. Oficina ministrada ao 4º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na disciplina Contextos Educativos na Infância, no dia 3 de novembro de 2025. Porto Velho: IFRO, 2025. [Informação verbal].

como linguagem que promove a inclusão, sem ultrapassar os limites da sua formação profissional.

Gomes (2025)² destaca vários exemplos de como aplicar a música na sala de aula com objetivos de ensino-aprendizagem:

- **Usar músicas infantis apropriadas:** selecionar canções que sejam adequadas à faixa etária e ao contexto cultural das crianças.
- **Cuidado com letras que possam gerar problemas emocionais:** ter atenção especial ao conteúdo lírico, evitando mensagens que possam causar desconfortos, medo ou instabilidade emocional.
- **Evitar músicas altas e preferir sonoridade tranquila:** manter o volume em níveis moderados, optando por sons calmos para melhor concentração.
- **Criar músicas instrumentais para o ambiente escolar:** priorizar o uso de músicas sem letra, com melodias conhecidas pela criança, que são particularmente indicadas para o contexto de sala de aula, pois podem auxiliar na concentração e na criação de um fundo sonoro neutro.
- **Integrar o uso da música aos objetos pedagógicos:** garantir que a música não seja uma atividade isolada, mas sim, uma ferramenta integrada que contribua diretamente para o alcance dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento proposto, como por exemplo a alfabetização.

Essas propostas pedagógicas destacam a importância de atividades lúdicas, fáceis de serem realizadas, utilizando recursos acessíveis, como fichas visuais, instrumentos sonoros simples (como tambores, chocalhos, triângulos) e materiais reutilizáveis. Essas atividades promovem uma abordagem inclusiva, que possibilitam às crianças de diferentes contextos e níveis de desenvolvimento, a participarem de forma ativa, sem a necessidade de materiais sofisticados ou caros. Assim, como as atividades musicais utilizando o próprio corpo para emitir sons, são respostas corporais a estímulos sonoros, são exemplos práticos que favorecem a compreensão do ritmo, além de estimular a coordenação motora e a percepção auditiva.

²GOMES, Eduardo. Bate-Papo Afinado: pensando a música como ferramenta de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. Oficina ministrada ao 4º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na disciplina Contextos Educativos na Infância, no dia 3 de novembro de 2025. Porto Velho: IFRO, 2025. [Informação verbal].

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como propósito compreender de que maneira a educação musical pode contribuir para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação infantil. Ao longo do estudo foi possível observar que a música, mais do que uma manifestação artística, constituiu-se em um instrumento pedagógico e terapêutico de grande relevância no processo de aprendizagem, por despertar a atenção, estimular a linguagem, favorecer a expressão emocional e ampliar as possibilidades de interação social.

Com base nas contribuições de autores como Viviane Louro (2021) e outros estudiosos da área, constatou-se que as práticas musicais, quando planejadas de forma intencional e adaptadas às necessidades específicas dos alunos, possibilitam experiências significativas que fortalecem o vínculo entre o educador e a criança, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o afetivo e o social. A música, portanto, se configura como uma ponte entre a sensibilidade e o conhecimento, proporcionando um ambiente educativo mais acessível, inclusivo e humano.

Entretanto, a efetivação dessa proposta ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito à formação docente e à escassez de recursos pedagógicos voltados à inclusão. É fundamental que as instituições de ensino invistam em capacitações que abordem as relações entre música, neurociência e educação especial, de modo que o professor se sinta preparado para atuar de forma criativa, empática e acolhedora diante das diversidades presentes em sala de aula.

Percebe-se que a educação musical inclusiva não se limita ao ensino de ritmos e melodias, mas se estabelece como um caminho de transformação social e humana. Por meio dela, é possível reconhecer o potencial singular de cada criança e garantir que todas tenham voz, expressão e pertencimento no ambiente escolar. A música, como linguagem universal, reafirma-se não apenas como meio de aprendizagem, mas como instrumento de inclusão e humanização, essencial à construção de uma escola verdadeiramente democrática e sensível às diferenças.

Assim, considerando os trabalhos analisados, as contribuições da música na educação infantil, sobretudo para crianças com TEA, podem abranger diferentes domínios do desenvolvimento humano, como motor, social, emocional, a linguagem e isso pode favorecer os processos de inclusão em sala de aula.

Porém, há que se considerar que o professor da educação infantil não recebe, em sua formação inicial, as condições para ser um educador musical, ficando a ela seguir orientações dos documentos oficiais do ensino, que por sua vez, não convergem entre si para uma orientação clara à prática pedagógica.

Nesse contexto, sobram críticas à atuação dos pedagogos quando esses profissionais optam pelo uso da música como “suporte para ensino de conteúdos”. Não há indicação de caminhos para o enfrentamento dessa problemática, seja na formação inicial ou continuada do professor, muito menos na remodelagem no sistema de ensino, ao se incluir o profissional da área de educação musical, licenciado em música, e que possa atuar no contexto escolar.

A última alternativa é a que parece mais urgente, considerando tanto a especificidade da atuação, como a integração entre saberes na prática escolar, evitando recair sobre o pedagogo, o peso de mais uma exigência técnica, não prevista em sua formação acadêmica.

Destacamos a necessidade de ampliar essa discussão com realização de estudos de casos e pesquisas empíricas com professores de Educação infantil, educadores musicais e musicoterapeutas a fim de gerar diálogos e interfaces entre áreas tão importantes para o desenvolvimento infantil.

Diante do conjunto das análises, torna-se evidente que a inclusão de crianças com TEA por meio da música depende não apenas do que acontece na escola, mas da articulação entre os diferentes espaços de formação musical, como já apontava Wille (2005). A compreensão de que o desenvolvimento musical ocorre de maneira contínua, envolvendo experiências formais, não formais e informais, amplia as possibilidades pedagógicas e contribui para práticas mais sensíveis, flexíveis e coerentes com as necessidades das crianças. Conclui-se, portanto, que reconhecer e valorizar essa diversidade de ambientes musicais fortalece o processo inclusivo, aproximando a escola da realidade vivida pelos alunos e potencializando os efeitos positivos da música no desenvolvimento infantil.

A música constitui uma ferramenta pedagógica e terapêutica valiosa, especialmente na Educação infantil, ao promover avanços significativos no desenvolvimento cognitivo, social e comunicativo de crianças com TEA, contribuindo para uma educação mais inclusiva, sensível e humanizadora.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** Acesso em: 31 out. 2025.

ANTUNES, Marcela Prince, **Detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista utilizando EEG**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação e Matemática) Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: Detecção precoce do transtorno do espectro autista utilizando EEG. Acesso em 2 out. 2025.

ARAÚJO. Esiel Gomes. **A música no processo de alfabetização da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/3251>. Acesso em: 5 nov. 2025.

BELLO, Suzelei Faria, Machado. Andréa Carla, Capellini. Simone Aparecida. **Marcos do desenvolvimento: aprenda olhar para o desenvolvimento infantil**. Disponível em: <https://www.cpedisp.com.br/uploads/ebooks/2022/10/marcos-do-desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 3 mar, 2025.

BRASIL. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Transtornos Globais do Desenvolvimento. Brasília, DF: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6729-transtornosglobais-pdf&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 nov. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: **Ministério da Educação**, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: **Ministério da Educação**, 2010. Disponível em: https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Atualizada pela Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Brasília, DF: **Presidência da República, Casa Civil**, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 12 nov. 2025.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: **Ministério da Educação e do Desporto**; Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf.

DUQUE, R. de C. S.; NASCIMENTO, J. A. do.; SANTOS, D. A. dos; SANTANA, M. C. de; CABELEIRA, M. D. S.; ANDRADE, S. F. de.; RAMOS, G. S.; PAULA, W. S.de; JÚLIO, N. O.; SOUZA, L. B. P. **A importância da música para crianças com Transtorno do Espectro Autista-TEA**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e542111134181, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34181>. Acesso em: 14 jan. 2025.

FARIA, Maria Elisa Vaz de; BORDA, Marcia Guaraciara de Souza. **Autismo: sinais, níveis de suporte e diagnóstico-uma revisão sistemática de estudos recente**. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14706/7549>. Acesso em 1 out. 2025.

GATTINO, G. S.; PINTO, M. C. (org). **Musicoterapia no cenário contemporâneo e os riscos no uso da música**. Brasília: Musicoterapia Brasil, 2024.

GOMES, Eduardo. **Bate-Papo Afinado: pensando a música como ferramenta de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem**. Oficina ministrada ao 4º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na disciplina Contextos Educativos na Infância, no dia 03 de novembro de 2025. Porto Velho: IFRO, 2025. [Informação verbal].

HECKLER, Ana Paula Guglielmi. Baumer Édina Regina. **Os benefícios da música na Aprendizagem e no Desenvolvimento de Crianças com Autismo no ambiente Escola**. Vista do OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO AMBIENTE ESCOLAR. Acesso em 14 mai. 2025.

LIBERALESSO, Paulo. LACERDA, Lucelmo. **Autismo: Compreensão e Práticas Baseadas em Evidências**. Disponível em: LIVRO AUTISMO_PDF.pmd (saude.sp.gov.br). Acesso em: 7 set. 2024.

LOURO, Viviane dos Santos. **Educação musical, autismo e neurociências**. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2021.

MATEIRO, Teresa; Ilari, Beatriz (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: InterSaberes, 2012. 1. ed. 352 p. (Série Educação Musical).

MENARIM, Roberta Oliveira. **Autismo e educação infantil: possibilidades e desafios na prática docente**. Disponível em: https://ri.uepg.br/monografias/bitstream/handle/123456789/166/TCC_RobertaOliveiraMenarim.pdf?sequence=1. Acesso em 3 out. 2025.

MENEZES, Adriana Alves Quintino. **A música e o autismo: experiências de desenvolvimento e aprendizagem na Escola Municipal Cidade da Música no município de Uberlândia-MG**. Disponível em: <https://share.google/mlyA5QJEiLZeTlqZ>. Acesso em 1 out. 2025.

OLIVEIRA, Gleisson Do Carmo. FREIRE, Marina Horta. PARIZZI, Betânia. SAMPAIO, Renato Tocantins. **MÚSICA E AUTISMO IDEIAS EM CONTRAPONTO**. Belo Horizonte. Ed UFMG, 2022.

RODRIGUES. Jéssica Sohn. **A música na educação escolar de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/239634>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SANTANA, Lenilce da Silva Reis. **MÚSICA PARA OLHAR DO LADO DE DENTRO**": A Educação Musical e sua influência para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/883939343/Monografia-Musica-para-olhar-do-lado-de-dentro>. Acesso em: 9 out, 2025.

SOARES, Raquel Pereira; BISOL, Cláudia Alquati. **Educação musical e autismo**: um enfoque nos desafios e perspectivas dos professores de música. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID10194_TB3071_30092024200145.pdf. Acesso em 4 out. 2025.

SOUZA. Fernanda. **Musicalização Infantil**: A educação Musical na Infância. Disponível em: Cópia editável 2 guia musicalização Unesco Fernanda Souza (mec.gov.br). Acesso em: 7 set. 2024.

SOUZA. Leticia Caroline, SAMPAIO. Renato Tocantins. **A Educação musical inclusiva no Brasil**: uma revisão de literatura. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/22872fe7-84db-4750-953e-f494e96c690d>. Acesso em: 5 nov. 2025.

WILLE. Regiana Blank. **Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 13, 39-48, set. 2005. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/323/253>. Acesso em: 28 nov. 2025.